Dados de: Souza Neto, R. A., Dias, G. F., Silva, R. R., & Ramos, A. S. M. (no prelo). Efeitos dos Softwares de Análise de Dados Qualitativos na Qualidade de Pesquisas. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Nome do(a) entrevistado(a) (fictício): Dinah
Idade: 29 anos
Nível de escolaridade: Mestre; Estudante de doutorado em Administração (em andamento)
Região de doutoramento: Nordeste
CAQDAS utilizado: Atlas.TI
Método sem CAQDAS: Manual (impressão, marca texto)
Tempo utilizando CAQDAS: 6 meses
Técnica de análise utilizada: Análise de Conteúdo, análise de discurso, análise interpretativa
Dia da entrevista: 17/11/2016
Duração: 30m 44s
Número de páginas transcritas: 7 páginas

E1: Inicialmente, a gente quer saber o que levou você usar o CAQDAS, o Atlas.TI.

Dinah: Na verdade, não foi uma necessidade que surgiu na pesquisa, foi mais uma imposição da disciplina de que a gente deveria usar o software para fazer a análise dos dados. Tanto é que eu não via utilidade prática de usar o software naquele momento, porque eram apenas três entrevistas e a dificuldade de aprender a mexer o software em tão pouco tempo dificultava ainda mais o processo de análise dos dados. Porque além da gente precisar fazer a análise dos dados, a gente tinha que aprender a manipular o software e só eram três entrevistas, três transcrições, então não havia grande necessidade de utilização do software naquele momento, mas pela questão do rigor metodológico que a disciplina impunha, a gente acabou usando.

E1: Certo. Então, somente por exigência da disciplina, né?

Dinah: Exatamente.

E1: Você poderia comparar sua experiência de pesquisa sem e com o auxílio do Atlas.TI?

Dinah: Sim. Ééé... Na verdade, o uso do Atlas.TI, por mais que fosse dispensável naquele momento, ele era um bom método de sistematização dos dados. Eu consegui ver que ele ajudava a organizar os dados, que ele arquivava, que ele salvava, que a gente poderia éé... categorizar no próprio software e ele dizia quantas vezes determinada categoria aparecia no texto. Eu não nego que, tipo... o software tem uma ajuda considerável e que, se a pesquisa fosse uma pesquisa que reunisse muitas entrevistas, né (muitos dados), o software teria sido muito mais útil naquele momento, né? Mas como eu falei, como eram só três entrevistas, então, eu não via necessidade de utilização do software. E, naquele momento, até atrapalhava, porque a gente nem sabia mexer no software e a questão do tempo. Ah! [compreende a pergunta] As pesquisas sem o software que eu fiz durante toda a minha vida, né? Porque eu não tive orientação na graduação, né? De onde eu venho, a gente não tinha essa tradição de trabalhar com o software qualitativo... Era mais difícil... Como é que eu posso dizer? Era uma pesquisa mais difícil de você sistematizar, na hora de você está analisando os dados. Era muito difícil de sistematizar, porque eu fazia aquilo dentro daquela forma bem arcaica, né? Separava as categorias e ia cortando os textos, e colocava os trechos lá dentro ficava uma coisa mais demorada, uma coisa mais difícil, mas isso nunca... Essa dificuldade eu não via que ela impactava na qualidade da análise. Eu via que ela impactava na qualidade da organização dos dados.

E1: Entendi. [...]. Para você o que confere qualidade a uma pesquisa qualitativa?

Dinah: O que confere qualidade a uma pesquisa qualitativa? Eu acho que a pesquisa qualitativa tem uma grande característica de ter a questão da flexibilidade, né? Porque a gente durante durante o processo de pesquisa... Por exemplo, se você for fazer uma entrevista, tudo depende muito do contexto da entrevista: então, as vezes você está mais à vontade com a pessoa e você consegue extrair mais informações daquela pessoa; às vezes, você não tá a vontade, porque o ambiente também não é ideal e você não consegue absorver tanta informação. Mas eu acho que um critério de qualidade mesmo é você tentar deixar um pouco a sua visão e tentar entender a percepção do entrevistado, que as vezes não é a mesma que a sua. E, nesse sentido, eu lembrava muito do que Bordieu falava, que as vezes os entrevistados eles vão com perguntas, eles fazem a pergunta de tal forma que o entrevistado dá a resposta que o entrevistador quer ouvir, sabe? Então, tipo, as vezes sua pergunta é tão formulada que a forma como você pergunta seu entrevistado responde o que você quer ouvir e você valida aquilo: "tá vendo ó? Como os meus pressupostos estavam certos! Não sei que e tal..." Então, eu acho que essa questão da qualidade na pesquisa qualitativa ela passa obviamente pelo desenho da pesquisa, mas eu acho que uma das coisas mais importantes é a hora de você analisar os dados... é você tentar éé captar o mesmo o que o entrevistado queria falar sobre aquele fenômeno que você tá investigando, e não o que você gostaria de ouvir, porque fica complicado. Quando é quanti[tativa], você vai assinalando, né? Bota os dados lá... Então, os dados vão te dizer uma coisa, né, e aí você vai interpretar o que os dados te apresentaram. Mas, quando é quali[tativa], você pode distorcer tudo, porque você fica tão envolvido que você às vezes quer que o entrevistado fale uma coisa que você quer ouvir. Então, eu acho que o processo de análise dos dados tem que ter muito rigor para ter qualidade.

E2: Certo. Só uma dúvida, Dinah. Você falou agora do processo de análise, né? [...] E, na sua experiência com o software, você considera que ele de alguma forma agregou?

Dinah: De alguma forma, o que?

E2: Agregou para essa qualidade na análise.

Dinah: Não, não. Está aí a pergunta que era o que a gente esperava. A gente esperava que o software fosse nos apontar alguma coisa e a gente dissesse: "Ah, realmente esse software está ajudando a gente a entender isso, a interpretar isso". E não, eu vi o software mesmo como um instrumento de organização dos dados. Quem interpretava, era o pesquisador e mesmo com o software ajudando você organizar os dados, se você quisesse você ainda interpretava errado, entendeu? Porque o pesquisador acaba tendo um papel fundamental na hora de selecionar quais textos são importantes na hora de categorizar... Na hora de transcrever alí dentro do software... Se você erra naquele momento, né, você pode errar também na sua interpretação ou então... Na verdade, essa qualidade da pesquisa que eu falei, priorizando a análise dos dados, ela passa desde o momento de uma transcrição bem feita... que até na pontuação, quando a galera coloca a pontuação em determinado lugar que ela não deveria estar, isso já impacta na interpretação. Então, passa pela questão da transcrição bem feita da entrevista. Tem que tá muito atenta pra você não distorcer a percepção do entrevistado e colocar a sua percepção. É muita coisa, é muito difícil fazer pesquisa quali[tativa].

E1: Certo. Agora a gente [...] tem um checklist de critérios de qualidade e eu vou perguntar se você usou esses critérios na pesquisa com e sem o software. O critério de qualidade de triangulação de métodos – que é você usar métodos quanti[tativa] e

quali[tativa], estudo de caso e teoria fundamentada, ou fenomenologia... você triangular esses métodos. Na sua pesquisa sem o Atlas.TI, você fez essas triangulações?

Dinah: Não.

E1: E na pesquisa com o Atlas.TI?

Dinah: Também não.

E1: Em relação a triangulação de teorias, na pesquisa sem o Atlas.TI, você fez a triangulação de teorias?

Dinah: Me explica a triangulação de teorias, como funciona.

E1: É, tipo, quando você... Por exemplo, na minha dissertação, eu usei Teoria X com a Teoria Y.

E2: Você junta teorias.

E1: Eu juntei... Eu fiz um mix com as duas teorias e analisei meus resultados.

E2: Desenvolver um modelo de pesquisa, entendeu? Fazer a sua pesquisa com base em duas teorias.

Dinah: Na minha dissertação, eu não usei triangulação de teorias, porque eu tinha uma teoria muito complexa para entender. E, no único trabalho que eu usei software, foi essa... esse artigo de disciplina..., eu também não usei triangulação de teoria.

E1: Certo. E em relação a triangulação de fontes, que seria análise documental, entrevistas, fotografias, você fez alguma triangulação de fontes?

Dinah: Fiz na minha dissertação, eu fiz triangulação de fontes. Nesse trabalho, a gente... pode considerar triangulação de fontes entrevistar pessoas diferentes? Posso chamar de triangulação de fontes o fato de eu ter entrevistado pessoas diferentes?

E2: Não.

E1: Não. Seria só questão de...

E2: Documentos, entrevista, observação e documentos...

Dinah: Não... Então, no meu com software, eu não fiz triangulação de fontes... Até por conta do tempo.

E2: Certo.

E1: Em relação a saturação teórica, na sua na sua dissertação, que é sem o Atlas.TI, você conseguiu... é você utilizou esse critério da saturação teórica?

Dinah: Ah, saturação teórica você diz o que? Eu ter parado de pesquisar a teoria porque eu já estava satisfeita com o resultado?

E2: Quando os resultados começam a se repetir e aí você para de coletar porque aí não surge mais nada de relevante... de novo.

Dinah: Sim, sim.

E2: Isso na sua dissertação?

Dinah: É, eu fiz isso na minha dissertação, porque eu tinha uma quantidade de entrevistas... e as pessoas já apontavam para mesma resposta, para o mesmo entendimento. É porque na minha na minha dissertação, eu tinha a cabeça muito mais preocupada em descrever os passos que eu tinha feito para realização da pesquisa do que está rotulando nome. Então, quando você fala saturação teórica... Eu não botei o nome saturação teórica na dissertação, mas eu sempre fiz esse procedimento, entendeu? E é uma coisa muito comum que eu vejo as pessoas fazendo, a gente faz as coisas, mas a gente não dá rótulo para ela. Mas eu tive toda a preocupação em descrever o que eu fiz.

E1: Entendi. Você conseguiu chegar a saturação teórica na pesquisa com software?

Dinah: Não, porque eram poucos entrevistados.

E1: Certo. Existe outro critério chamado feedback dos informantes, que é quando você envia as transcrições e os resultados para os entrevistados, no caso... Verificarem se era realmente aquilo que eles quiseram falar. Você utilizou esse critério na sua dissertação?

Dinah: Eu utilizei esse critério em outros trabalhos que eu não usei software, por exemplo, na metodologia da história de vida era altamente importante que o entrevistado que ele lesse a história de vida que ele tinha me contado. Então, naquele momento de história de vida, eu fui e retornei as transcrições para que eles pudessem ler. Como minha dissertação tava mexendo com disputa de poder (relações de poder), eu não poderia retornar as transcrições para pessoa ler... como era como se ela se acusasse, entendeu? "Eu não vou dizer que eu fiz isso aqui que é contra a lei". Então, a única coisa que eu me preocupei foi em não revelar o nome nesse momento, mas eu não poderia retornar a pesquisa porque a pessoas... é como produzir provas contra ela mesma. Então, eu estava pesquisando um fenômeno bem crítico... Bem com relações de poder, que poderia envolver o Ministério Público, poderia envolver polícia, poderia envolver muita coisa. Não tinha sentido eu retornar algumas entrevistas, então, eu não retornei nenhuma, porque a pessoa não ia falar... Como se tivesse escrevendo uma carta de acusação para você mesmo e assinasse embaixo... Mas, em outras entrevistas, que eu usei história de vida ou história oral, eu retornava sim. E, nesse caso, do uso do software, nós retornamos também, embora, o pessoal não tenha respondido... não tenha lido.

E1: Certo. Então, com uso do software, você retornou, mas a pessoa não leu?

Dinah: É não.

(Interrupção externa)

E1: Ela disse que retornou com o uso do software.

E2: Com software também, né?

Dinah: Com software e sem software dependia da pesquisa.

E1: Em relação a validação com pares, que é quando a codificação é revisada, por exemplo, você faz um artigo em parceria... Por exemplo, eu estou fazendo aqui o artigo com um colega, daí eu faço toda a codificação e depois ele vai revisar a minha codificação para ver se ele acha que está correto, ou os nomes dos códigos que eu coloquei, se eu categorizei direito. Alguma dessas pesquisas... A pesquisa sem software, você utilizou essa codificação por pares?

Dinah: Não, não. [...] Não tinha não tinha outra pessoa que pudesse fazer essa validação comigo. Na pesquisa com software, eu fiz a validação, mas eu não fiz a validação porque a pesquisa era com software, eu fiz a validação porque a pesquisa era em grupo, e aí os pesquisadores... a gente, tipo... nós paramos e lemos juntos e discutimos juntos, não foi uma coisa que eu fiz e depois outra pessoa fez. A gente foi fazendo ao mesmo tempo, e começamos discutindo sobre isso. Então, assim... não foi por causa do software que a gente fez, que a gente fez essa validação. Foi porque a gente estava fazendo em grupo e a gente precisava chegar a um acordo de que aquelas categorias eram as corretas... eram as que a gente queria usar.

E1: Entendi. Você acha que essa validação da análise pelos pares teve alguma relação com o uso do CAQDAS?

Dinah: Não, não, acho não. Eu acho que essa validação pelos pares teve relação com o trabalho ser em grupo. Se não fosse em grupo, eu teria feito sozinha e talvez eu não tivesse pedido ajuda a ninguém.

E1: Certo. Em relação a auditoria externa, você consultou algum especialista em pesquisa quali na sua pesquisa sem CAQDAS?

Dinah: Não, não consultei nenhum especialista para fazer a dissertação... nem para fazer os outros artigos, nos outros métodos.

E1: E quando você usou o Atlas.TI?

Dinah: [...] A gente não consultou. Então, assim, o especialista que nós consultamos foi o professor da disciplina, mas a gente teve muita dificuldade, porque na maioria das vezes a gente teve que aprender a mexer sozinho. Talvez a gente não tenha aprendido suficiente, entendeu?

E1: Entendi.

Dinah: É como eu falei: se não fosse obrigatório o uso do software, talvez a gente nem tivesse usado.

E1: Certo. E em relação a surpresa, na sua pesquisa sem o software você conseguiu resultados inesperados?

Dinah: Na minha pesquisa sem software. Nas minhas pesquisas sem software, na verdade foram muitas. Ah! [recorda algo] Eu acho que na dissertação sim, porque o tempo de pesquisa foi maior, então, foi um ano de coleta de dados, então, algumas coisas me surpreenderam pelo fato de cada vez que entrava mais a fundo eu via que o problema era muito maior e complicado. Mas em artigos que eu fiz sem software, por exemplo, às vezes os dados batiam com que a teoria dizia, né? Não teve resultados inesperados, porque também eram pesquisas de graduação a maioria delas... E de mestrado. E com o uso do software, também não teve resultados inesperados não. Eu não vejo essa diferença não – que o software ajudou a perceber uma coisa, que eu não teria percebido... só percebi porque eu utilizei o software.

E2: Comparando as duas experiências (com e sem o software), no detalhamento da metodologia que foi utilizada, você considera que teve algum ganho ou alguma perda? Comparando essas experiências, no detalhamento do que você fez na pesquisa.

Dinah: Assim, é como eu falei: o Atlas.TI, ele poderia ter sido de grande valia se eu tivesse usado na minha dissertação, por exemplo... Porque eu tinha muitas entrevistas e muitos dados e eu ficava meio louca para organizar aquilo tudo. Ah... Para trabalhos pequenos, eu não vi uma grande diferença não. Tanto é que enquanto os meninos faziam a codificação no Atlas.TI, eu comecei a fazer no Word, entendeu? Só que a diferença é que depois o Atlas.TI resume quantas categorias, quantas vezes você encontrou isso, dá aquele graficozinho lá, aquele diagrama, que o Word não dá, né? Mas assim, eu acho que o software é muito bom... Eu pretendo usar um software, mas eu pretendo usar para pesquisas que me exijam muito.

E2: Me tira uma dúvida: na sua dissertação, você disse que não usou [os CAQDAS]. Se tivesse usado, você considera que o que teria mudado?

Dinah: Eu acho que teria me ajudado a sistematizar melhor os dados... A me dar uma visão global do que foi mais falado, do que foi mais comentado de qual trecho... Sei lá, do que parecia ser mais importante, né? Eu acho que isso teria me ajudado muito a organizar os dados, mas não a interpretar. A organização vai facilitar a interpretação em algum momento, eu só quero dizer que eu não acho que a interpretação dos dados está... Ela perde muito em não usar o software.

E2: Mas você considera que perde alguma coisa?

Dinah: Eu acho que perde, porque essa visão global do que foi mais falado... do que foi mais visto nos trechos, eu acho que isso pode te ajudar a ter uma visão geral da situação. E essa visão geral, eu não tive porque o método era bem arcaico [enfatiza o "bem arcaico", risos].

E1: Certo, Dinah. Você pretende utilizar o software nas próximas pesquisas que você realizar?

Dinah: Então, eu ainda... Eu acho que os artigos seguintes que eu fiz, eu não utilizei software... No momento, porque eram artigos... Eram coisas pequenas. Mas para tese, eu pretendo aprender a mexer... Eu gostaria de aprender a mexer no NVivo, né? Porque naquele momento (na disciplina), a gente não aprendeu a mexer no NVivo e eu lembro de uma pessoa apresentar um trabalho com NVivo e eu via aquelas nuvens de palavras, eu via a sistematização na hora de você transcrever o texto ali dentro. Enfim, parecia ser uma ferramenta de apoio e de organização dos dados bem legal. Então, eu tenho muita vontade de aprender a usar o NVivo... e, naquele momento da disciplina, a gente não teve essa oportunidade, mas eu tenho muita vontade de mexer nisso para uma tese, porque eu acho que isso vai dá mais consistência também e vai ser mais bem visto pela banca do que eu dizer que eu fiz uma tese sem apoio de nenhum software, você, entendeu? Então, vão dizer: "ah, então você é da Nasa? Você faz as coisas sem precisar de ajuda".

E1: Entendi. Eu queria fazer só mais uma pergunta, Dinah. Comparando as duas experiências que você teve você [com e sem os CAQDAS], qual que você considera que você conseguiu refletir melhor sobre os dados e os resultados?

Dinah: Essa pergunta é bem complicada E1, porque... Como é que eu posso dizer? As outras pesquisas que eu fiz sem o software havia uma questão de eu está muito interessada no assunto,

entendeu? Aquele tema era de muito interesse... Eu tinha vontade de ler sobre o tema, eu tinha vontade de interpretar melhor aquilo. E a pesquisa que eu fiz com o software, ela foi muito enquadrada, então eu já recebi o tema, já recebi que eu deveria usar tal software, eu já recebi que eu deveria ter tal limite de não sei quantas pessoas, e isso prejudica, sabe? Eu preciso de ter outra experiência utilizando o software para de fato te responder essa pergunta, porque a experiência que eu tive foi meio impositiva: "você tem que usar o software, você tem que fazer pesquisa, não sei o que, não sei o que"... Não foi uma coisa que tipo partiu dos pesquisadores, entendeu? Eu acho que isso prejudica eu te responder agora isso.

E1: Entendi.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]